



Especialização em Saúde da Família - Modalidade a Distância

Violência Sexual



Violência Sexual

A violência é considerada um fenômeno complexo e múltiplo, em suas causas e formas de expressões, atingindo todos os grupos sociais e faixas etárias, mas com maior intensidade as pessoas mais desprotegidas da sociedade, como as crianças e os adolescentes.

No que se refere ao exercício da sexualidade, este pode ser gerador de conflitos, danos, riscos e sofrimento, especialmente se possui as marcas da desigualdade de gênero ou como manifestação de poder e superioridade física, etária, de condição econômica ou social. Relações desiguais favorecem as discriminações e as várias formas de violências, sobretudo a violência sexual. Esta pode ser considerada de extrema gravidade, pelo seu caráter íntimo e relacional. É ainda mais grave quando é exercida por adultos contra crianças e adolescentes, pois produz desestruturação psíquica e social, principalmente em situações de abusos sexuais de longa duração e na exploração sexual comercial. A gravidade também se relaciona com o grau de intimidade do vitimizador em relação à vítima, aos papéis de autoridade e proteção que este exerce, aos sentimentos que os unem, à característica da violência física (estupro, ferimentos, tortura, assassinato) e, também, de suas consequências (gravidez, aborto, maternidade incestuosa, sequelas físicas e psicológicas graves, morte). Independente da situação, a violência sexual é uma invasão das partes mais privadas e íntimas do corpo e da consciência de uma pessoa (PEREIRA; HIRATA; FERRIANI, 2001, p...), que:

deturpa as relações sócio-afetivas e culturais entre adultos e crianças/adolescentes ao transformá-las em relações genitalizadas, erotizadas, comerciais, violentas e criminosas;

confunde, nas crianças e adolescentes violentados, a representação social dos papéis dos adultos, descaracterizando as representações sociais de pai, irmão, avô, tio, professor, religioso, profissional, empregador, quando violentadores sexuais; o que implica a perda da legitimidade e da autoridade do adulto e de seus papéis e funções sociais;

inverte a natureza das relações adulto/criança e adolescente definidas socialmente, tornando-as desumanas em lugar de humanas; desprotetoras em lugar de protetoras; agressivas em lugar de afetivas; individualistas e narcisistas em lugar de solidárias; dominadoras em lugar de democráticas; dependentes em lugar de libertadoras; perversas em lugar de amorosas; desestruturadoras em lugar de socializadoras." (FALEIROS, 2000, p. 19-20).

Segundo Faleiros (2000), é importante diferenciar violência e abuso sexual: “*violência sexual refere-se ao processo, à natureza da relação estabelecida, ou seja, uma relação de poder. O abuso sexual é considerado situação de uso excessivo do corpo, para além dos limites dos direitos humanos, do que está legal e socialmente estabelecido, inclusive da compreensão da vítima e do que ela*

consente ou pode fazer. Os maus tratos referem-se à descrição dos danos causados pelo abuso referido, aos atos e suas conseqüências.” (FALEIROS apud PEREIRA; HIRATA e FERRIANI, 2001, p...).

Os principais tipos de abuso são o *abuso físico, sexual, psicológico* e a *negligência*. O *abuso sexual* é considerado “o ato ou jogo sexual praticado por pessoa em estado psicossocial superior ao da criança ou adolescente” e pode se manifestar por infecções urinárias recorrentes, lesões ou edema na região genital e sem explicação plausível. Ainda para Faleiros (2000), as situações de abuso sexual podem ser de dois tipos distintos: a dominação sexual perversa e a agressão sexual. A primeira é *uma construção deliberada, premeditada e ritualizada, que se mantém pela dominação psicológica a longo prazo [...] que torna a criança ou adolescente duplamente vitimizado: pelo violentador, e por uma rede de silêncio, tolerância, medo e impunidade, seja familiar, comunitária ou societária [...]* A agressão sexual caracteriza-se pela submissão da vítima, seja pela força física ou pelo terror, com ou sem arma, que sofre danos graves, associados ou não, como o estupro, atos libidinosos, ferimentos, roubo, trauma psicológico, gravidez ou morte. Os violentadores, geralmente desconhecidos das vítimas e movidos pelo sentimento da raiva, são extremamente agressivos e cruéis.” (PEREIRA; HIRATA; FERRIANI, 2001, p...).

A responsabilidade dos profissionais de saúde quanto à violência sexual envolve vários aspectos. Vejamos o que sugerem Pereira; Hirata; Ferriani (2001, p...):

Quanto a práticas gerenciais e de participação favoráveis:

- a) Organizar um sistema de coleta de dados, que possibilite a visibilidade estatística acerca dos casos de violência sexual, colaborando para o diagnóstico da situação e para a formulação de estratégias de prevenção;
- b) Promover capacitação nos serviços de saúde, incluindo o conjunto da equipe de saúde, em particular da enfermagem, para a identificação dos sinais de violência sexual aguda e repetitiva, orientação e cuidados nos agravos à saúde física e psicológica das vítimas e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, aids e gravidez.

Quanto ao atendimento após a violência sexual:

- a) Prescrição de anticoncepção de emergência (sim/não/tipo) / profilaxia DST/Aids (sim/não/tipo) / coleta de exames (sorologia sífilis/hepatite B/HIV / teste de gravidez / pesquisa de espermatozoides / fosfatase ácida prostática / antígeno prostático específico) / coleta de conteúdo vaginal (sim/não) / coleta de sangue ou sêmen nas vestes (sim/não) / orientação sobre os direitos legais (sim/não) / encaminhamento para atendimento ambulatorial, apoio psicossocial e jurídico.

Quanto ao Suporte familiar:

- a) Encorajar a família a fornecer informações pormenorizadas relativas ao agressor, pois, em caso de violência sexual doméstica, há necessidade de proteção daquela pelo Poder Público;
- b) Identificar serviços de referência para acompanhamento psicossocial da família e, inclusive, do agressor, quando este fizer parte das relações da família, para quebrar a rede de silêncio que se estabelece nessas situações e promover a reorganização da estrutura familiar;
- c) Promover discussão com a família sobre as responsabilidades dos adultos e a necessidade de desenvolver sua competência no cuidado e proteção das crianças e adolescentes.

Quanto ao acolhimento dos adolescentes e de suas necessidades e demandas:

- a) Proporcionar recepção com conforto e apoio ao adolescente violentado sexualmente; Acolher, atendendo com dignidade o adolescente, para que este sinta-se seguro e protegido;
- b) Considerar que este frequentemente manifesta dor física, medo, insegurança, desconfiança, revolta e agressividade, estado de choque ou, ainda, apresenta lesões generalizadas;
- c) Agir de forma tolerante, procurando integrar a família, em situações em que esta não esteja querendo evidenciar a situação de violência.
- d) Articular os serviços de saúde e de educação para promover campanhas de orientação às crianças e adolescentes nas escolas, para a prevenção e denúncia das situações de violência sexual;
- e) Promover processos de orientação a toda comunidade, utilizando os vários meios de comunicação e recursos disponíveis, enfocando os mitos relacionados à violência sexual, a promoção dos direitos sexuais e reprodutivos, os serviços disponíveis para atendimento e denúncia; as leis que se referem à violência sexual.

Quanto ao acompanhamento físico-emocional:

- a) Adotar os seguintes procedimentos no atendimento do adolescente vítima de violência sexual: - Exame físico, com exame ginecológico e do ânus; - Verificação da conjunção carnal; - Registro adequado das lesões
- b) Preservação de possíveis provas materiais que poderão ser importantes posteriormente para indiciamento do(s) agressor(es) sexual(is)
- c) Prevenção de DST/Aids; - prevenção de gravidez indesejada, através de contracepção de emergência
- d) Encaminhamentos a outros apoios internos à instituição de saúde (serviço social, serviço de psicologia, serviço de diagnóstico e acompanhamento de DST/HIV) e externos (Conselho Tutelar, Delegacia de Polícia, Juizado da Infância e Adolescência, Instituto Médico Legal e outros).

Antes de concluir este tema, cabe lembrar que um dos problemas sociais que se relacionam diretamente com a violência sexual é a prostituição infanto-juvenil.

A prostituição é parte de uma indústria multibilionária. Entre as distintas modalidades desta indústria, estão, ainda, o turismo sexual, o tráfico de mulheres, a pornografia, entre outras.

A prostituição na adolescência é um problema real. Diversos estudos revelam que, na maior parte dos casos, as jovens são arrastadas para a prostituição por um adulto, o proxeneta, que conhece bem as suas necessidades psicológicas. Estas geralmente são provenientes de famílias marcadas pela brutalidade e instabilidade, padrão de desmembramento muito elevado. A integração das referidas jovens em contextos familiares muito fragilizados contribui fortemente para que as suas necessidades de afeto, e até mesmo de subsistência familiar, não sejam devidamente satisfeitas, ou que estejam expostas à violência, ao desamparo e à exploração

Existe uma diversidade de causas que podem estar associadas ao fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes. Tais situações podem estar vinculadas à pobreza, ao abuso sexual, às relações de gênero e poder, de raça, à influência da mídia e à hierarquia etária.

Com relação ao sexo, embora vitimize meninos, observamos que a criança/adolescente/mulher se apresenta como a vítima mais frequente. Esta constatação reforça a análise de que esses atores são os mais excluídos entre os excluídos, uma vez que vivemos uma sociedade moldada no modelo patriarcal, no qual o exercício do poder é o prazer em dominar e possuir o outro.

Os profissionais de saúde, atuando no nível primário, secundário ou terciário, devem estar atentos e conceber os diversos aspectos ligados à prostituição dos adolescentes. Se passarmos a exercer uma interferência positiva frente ao fenômeno, estaremos contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes e impedindo problemas sérios, como a prostituição.